

SIMULAÇÃO DIPLOMÁTICA E ORALIDADE: Experiências no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais Campus Pirapora

Alessandra Ribeiro Queiroz
Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: alessandra.qroz@gmail.com

Miguel Barbosa Ramos
Estudante de mestrado do Programa de Pós - Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros
E-mail: miguel_b.ramos@yahoo.com.br

Resumo

O ensino de inglês na escola pública brasileira ainda apresenta fragilidades, especialmente no desenvolvimento da oralidade, pois historicamente é pouco valorizada em práticas centradas na gramática. Esse cenário contrasta com a relevância do inglês como língua franca, o que reforça a necessidade de metodologias inovadoras e significativas. Entre essas, a simulação diplomática destaca-se por possibilitar a vivência de situações reais de comunicação, favorecendo protagonismo, autonomia e reflexão crítica. Diante disso, este estudo apresenta a experiência de pesquisadores no modelo de simulação denominado IFMundo, realizado no IFNMG-Campus Pirapora em 2023, com a participação de estudantes do ensino médio integrado em um comitê conduzido em inglês. A proposta buscou estimular o uso da língua em debates e negociações, permitindo que os estudantes superassem o medo inicial e se reconhecessem como usuários legítimos do idioma. A partir da observação dos autores, pôde-se verificar que a prática contribuiu para o fortalecimento da oralidade, para a ampliação da confiança e para a formação crítica dos estudantes. Conclui-se que o IFMundo, enquanto simulação diplomática, constitui uma prática pedagógica capaz de ressignificar o ensino de inglês na escola pública e aproximá-lo de experiências de aprendizagem mais autênticas e transformadoras.

Palavras-chave: Oralidade, Simulação Diplomática, Ensino de Inglês.

Abstract

The teaching of English in Brazilian public schools still presents challenges, particularly in the development of oral skills, which have historically been undervalued in grammar-centered practices. This reality contrasts with the relevance of English as a lingua franca, reinforcing the need for innovative and meaningful methodologies. Among these, diplomatic simulation stands out by enabling students to experience real communication situations, fostering protagonism, autonomy, and critical reflection. This study presents the experience of researchers in the IFMundo simulation model, held at IFNMG-Campus Pirapora in 2023, with the participation of integrated high school students in a committee conducted in English. The proposal sought to encourage language use in debates and negotiations, allowing students to overcome initial fear and recognize themselves as legitimate users of the language. Based on the authors' observations, the practice contributed to strengthening oral communication, increasing self-confidence, and fostering critical awareness. It is concluded that IFMundo, as a diplomatic simulation, constitutes a pedagogical practice capable of reshaping English teaching in public schools and bringing it closer to more authentic and transformative learning experiences.

Palavras-chave: Orality, Diplomatic Simulation, English teaching.

Introdução

Historicamente, o ensino da Língua Inglesa (LI) na educação brasileira foi frequentemente concebido como disciplina de complemento de carga horária e marcado por práticas centradas no ensino da gramática. Atualmente, com a globalização e as tecnologias digitais, o ensino de línguas tem suscitado discussões sobre a necessidade de desenvolvimento de competências a partir do uso de textos autênticos reais de linguagem. Furlanetto (2019) ressalta que na abordagem comunicativa espera que traga diversas situações comunicativas a sala de aula por meio de perguntas onde os estudantes saibam responder, além de debates “[...] e, principalmente, construindo senso crítico a respeito do mundo [...]” (Furlanetto, 2019, p. 90).

Nesse sentido, o ensino da LI pode ir muito além da apropriação de estruturas gramaticais, pois envolve também a compreensão das práticas sociais, dos contextos culturais e das relações de poder que atravessam o uso da linguagem. Ao aprender uma nova língua, o estudante é convidado a entrar em contato com diferentes visões de mundo e desenvolver a capacidade de dialogar e refletir criticamente sobre identidades, valores e diferenças.

A Educação para a Cidadania Global (ECG) apresenta-se como uma estratégia voltada à construção de uma sociedade mais justa, tolerante e sustentável. Essa proposta se concretiza, entre outros meios, quando os estudantes participam de debates de forma ativa e assumem o papel de protagonistas de sua própria aprendizagem, construindo conhecimento por meio da interação (Unesco, 2015). Inspirado nesses princípios, o IFNMG, localizado no Norte de Minas Gerais, implementou, em 2016, o Projeto IFMundo, destinado aos estudantes do ensino médio integrado. A adoção de metodologias como a simulação diplomática pode favorecer o protagonismo estudantil e o desenvolvimento da reflexão crítica.

Diante desse contexto, este estudo teve como objetivo relatar como o debate em LI no IFMundo foi conduzido no IFNMG-Campus, a partir da observação dos pesquisadores. Metodologicamente, o estudo é de natureza qualitativa (Marconi; Lakatos, 2017). Durante a realização das atividades, aplicou-se a técnica de observação participante, conforme definida por Prodanov e Freitas (2013), caracteriza-se por registros sistemáticos e diário de campo, acerca do desempenho dos delegados, dos recursos argumentativos mobilizados, das interações e das estratégias de negociação e de resolução de conflitos. A análise foi organizada nos eixos de clareza argumentativa e postura crítica frente à temática discutida. A observação possibilitou reconhecer como os estudantes mobilizam estratégias discursivas e se posicionam em LI. Além disso, o estudo dialoga com autores que discutem o ensino e aprendizagem de LI voltados para a oralidade, apresenta reflexões sobre a prática de debates simulados da Organização das Nações Unidas (ONU) e, por fim, as observações realizadas no comitê conduzido em inglês no âmbito do IFMundo.

Fundamentação teórica

A LI ocupa um papel fundamental no cenário mundial em razão do poder e da influência exercidos, sobretudo pela economia norte-americana. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), a inserção da LI no currículo das escolas públicas brasileiras esteve relacionada a essa influência dos Estados Unidos no Brasil e no mundo, intensificada ao longo do século XX,

especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Tal processo alcançou seu auge no contexto da sociedade globalizada e tecnologicamente avançada. Ainda segundo os PCNs, a LI se consolidou como o principal meio de comunicação internacional, amplamente utilizado no mundo dos negócios e com forte presença nos espaços acadêmicos.

Nesse cenário de expansão global, os estudos sobre o Inglês como Língua Franca (ILF) permitem compreender o idioma não apenas como herança do poder econômico norte-americano, mas como um recurso comunicativo dinâmico, coconstruído entre falantes de diferentes origens culturais e linguísticas (Gimenez *et al.*, 2015). Nessa perspectiva, Silva e Martins (2023) reforçam que, ao avaliar as habilidades orais do aprendiz, o professor deve considerar o contexto sócio-histórico em que a língua é ensinada, os objetivos que orientam sua prática e as implicações geopolíticas da chamada “pronúncia perfeita”. Para os autores, a insistência em um modelo cristalizado de fala pode gerar a estigmatização das variações e a ideia de erro, em vez de reconhecer a legitimidade das múltiplas formas de falar inglês.

Assim, tanto Gimenez *et al.* (2015) quanto Silva e Martins (2023) convergem ao apontar que o ensino de inglês deve ir além da norma padrão e valorizar a comunicação em contextos reais, em que a construção de sentidos, a negociação e o reconhecimento das diferenças culturais se tornam centrais. Esse entendimento aproxima-se diretamente do conceito de ILF e sustenta práticas como a simulação diplomática, que favorecem o desenvolvimento da oralidade, a reflexão crítica e o protagonismo estudantil.

A oralidade em LI no Brasil, entretanto, é atravessada por sentidos históricos e sociais que reforçam a ideia de inadequação e interdição simbólica. Segundo Hashiguti (2019), aprendizes muitas vezes se posicionam como ilegítimos diante da língua e de interlocutores mais fluentes, internalizando a percepção de que sua fala não é suficiente. Esse processo está ligado a políticas linguísticas de silenciamento e normalização que moldaram a forma como os brasileiros se relacionam com a própria língua e com outras línguas. Nesse cenário, práticas pedagógicas que ainda priorizam o ensino gramatical em detrimento da oralidade contribuem para a manutenção da visão do inglês como inacessível, restrito a um padrão idealizado e, muitas vezes, excludente.

Silva e Martins (2023) argumentam que o ensino tradicional de LI, centrado na gramática normativa, frequentemente negligencia a produção oral e limita o engajamento real dos estudantes com a língua. Os autores destacam que essa abordagem pode contribuir para a cristalização da ideia de que o inglês é acessível apenas a sujeitos considerados “aptos” conforme um padrão normativo idealizado. A pesquisa realizada pelos autores, focada no ensino remoto de inglês durante a pandemia, revelou que os estudantes desejavam mais oportunidades para se expressar oralmente, mas sentiam-se inseguros diante da ausência de um espaço pedagógico aberto ao erro, à improvisação e à construção colaborativa de sentidos. Os dados apontam que a falta de uma abordagem comunicativa e contextualizada gera bloqueios emocionais e simbólicos, pois os aprendizes passam a associar o ato de falar com o risco constante de julgamento. Ademais, os autores defendem que a oralidade deve ser compreendida como um lugar de construção de sentidos e de posicionamento identitário, e não apenas como exercício técnico de pronúncia ou correção gramatical. Falar em inglês, portanto, tende-se afirmar uma posição no mundo, mesmo que essa fala esteja marcada por sotaques, hesitações ou

improvisos, marcas legítimas de sujeitos plurais em contextos de uso real da linguagem.

A partir disso, pode-se observar que, em muitos casos, a ausência de ambientes que favoreçam a oralidade limita seu desenvolvimento nas escolas. Nessa perspectiva, o IFMundo apresenta-se como uma alternativa pedagógica relevante, por criar espaços de interação autêntica em que os estudantes exercitam a fala, enfrentam inseguranças e se reconhecem como usuários legítimos da LI. Criado em 2016 no Campus Almenara, localizado no Vale do Jequitinhonha e inspirado na experiência do Projeto Modelo Intercolegial das Nações Unidas (MINIONU) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), em Belo Horizonte, o projeto foi institucionalizado em 2017 e, posteriormente, expandido para os demais campi da instituição. No IFNMG-Campus Pirapora, consolidou-se a partir de 2018 e, em 2023, realizou seu primeiro comitê em LI, experiência que ampliou as possibilidades de desenvolvimento da oralidade e da criticidade, ao envolver os participantes em debates sobre temas globais em um espaço de protagonismo e reflexão crítica.

Essa experiência se relaciona diretamente com os modelos de simulação, que se fundamentam na Pedagogia de Projetos, a qual propõe romper com a lógica escolar tradicional, geralmente centrada na avaliação pela memorização. Conforme explica Hernández (1998), o estudante é colocado como sujeito ativo do processo de aprendizagem, participando de situações reais ou simuladas que exigem investigação, cooperação e tomada de decisões. Nessa mesma linha de raciocínio, Mill (2021) compreende que a aprendizagem ativa,

[...] depende, portanto, de metodologias e estratégias mais ativas, mais participativas, que proporcionem maior retenção da informação e conhecimentos em pauta. Uma formação mais ativa, deve ser remodelada inclusive a proposta curricular, de modo a incorporar atividades para além da leitura de textos, das aulas expositivas e observações passivas. Para o desenvolvimento do perfil de estudantes ativos, são essenciais atividades e estratégias que busquem: participar, conversar, dialogar [...]. (Mill, 2021, p. 20).

A partir disso, em lugar de um currículo fragmentado e prescrito, os discentes passam a desenvolver projetos significativos, construídos a partir de temas geradores, que atravessam diferentes áreas do conhecimento e dialogam com o mundo vivido.

É nesse cenário que o IFMundo se consolida como prática de projeto, pois ao simular comitês da ONU e propor debates sobre questões globais em diferentes idiomas, o projeto desafia os estudantes a se posicionarem, pesquisarem, colaborarem e refletirem criticamente, de maneira interdisciplinar e dialógica. Tais práticas se articulam aos pressupostos da ECG, pois estimulam a formação de sujeitos éticos e críticos, conscientes de seu papel diante das complexidades do mundo contemporâneo.

Desse modo, evidencia-se uma valorização crescente de abordagens que priorizam o uso social da língua, em contraste com modelos tradicionais baseados somente na gramática normativa. Essa perspectiva aproxima-se das

proposições de Almeida Filho (2015), que defende uma aprendizagem contextualizada e significativa, na qual a oralidade é compreendida como ferramenta de interação, construção de sentidos e participação crítica no mundo contemporâneo. Ainda que tais práticas não configurem uma ruptura imediata com modelos tradicionais, podem favorecer deslocamentos importantes, sobretudo ao promover interações significativas, conectadas a outras áreas do conhecimento e à formação para a cidadania global (Furlanetto, 2019). Nesse sentido, as metodologias ativas ampliam as possibilidades de um ensino de línguas mais dialógico, reflexivo e contextualizado.

Desenvolvimento do tema

Este estudo, propõe-se a identificar como a atividade foi desenvolvida no IFNMG-Campus Pirapora e a analisar a participação dos estudantes em debates realizados no IFMundo em uma língua distinta da materna. Tais percepções não se limitam a impressões subjetivas, mas são concebidas como parte de um processo metodológico de observação crítica, que nos permitiu reconhecer como os estudantes constroem sentidos, mobilizam estratégias discursivas e se posicionam em um espaço de interação.

Os resultados observados evidenciam que o IFMundo, como proposta de inovação metodológica e estímulo à cidadania global, tem se consolidado como um espaço de protagonismo estudantil. Inspirado em metodologias ativas, especialmente na Pedagogia de Projetos, e fundamentado nos princípios da ECG, o projeto possibilita aos estudantes vivências em comitês simulados, assumindo o papel de delegados internacionais. Por meio de debates sobre temáticas mundiais, eles exercitam competências como pesquisa, argumentação, negociação e escuta ativa, articulando saberes diversos e posicionando-se frente às problemáticas do mundo contemporâneo.

Em 2023, pela primeira vez, foi proposta a realização de um comitê do IFMundo conduzido integralmente em LI. A iniciativa consistiu em um projeto-piloto que buscou experimentar o potencial de uma simulação diplomática como estratégia para o desenvolvimento da oralidade em inglês. Para isso, foram organizadas aulas preparatórias, com encontros extracurriculares voltados à familiarização dos estudantes com o vocabulário, a estrutura e a dinâmica dos debates.

Desde o primeiro encontro, foi perceptível o receio dos estudantes ao serem informados de que as aulas seriam conduzidas inteiramente em inglês. O medo de errar, de não entender ou de se expor limitava a participação inicial, revelando o impacto emocional e social do uso de uma língua adicional em um espaço de aprendizagem. No entanto, o professor, com escuta sensível e postura acolhedora, não ignorou essas inseguranças, mas também não retirou o desafio. Reafirmou que a aula seria, sim, totalmente em inglês, mas que estariam todos ali para aprender juntos. Aos poucos, por meio do ensino de frases-chave e expressões úteis ao debate, os estudantes foram ganhando confiança e assumindo novos papéis comunicativos. Essa vivência inicial já anunciava um deslocamento de postura, no qual ouvintes inseguros se transformavam em falantes em construção, posicionando-se ativamente na língua estrangeira.

Esse momento nos faz refletir sobre o texto de Hashiguti (2019) ao tratar

sobre o medo de falar inglês entre os estudantes brasileiros que não é apenas fruto de insegurança individual, mas uma manifestação das violências simbólicas que historicamente interdita determinados sujeitos ao uso legítimo de línguas adicionais. Ainda segundo a autora, esse medo está enraizado em políticas linguísticas excludentes e em discursos normativos que associam o “bom inglês” a um modelo inatingível, geralmente atrelado ao falante nativo idealizado. Assim, muitos aprendizes, mesmo quando possuem repertório suficiente, tendem a se silenciar, internalizando, ainda que de forma não consciente, a ideia de que seus modos de falar são insuficientes ou errados. Esse movimento de silenciamento costuma estar relacionado a processos de deslegitimação do saber, bem como a marcas de colonialidade, apagamento e exclusão social.

Apesar disso, no primeiro encontro a proposta avançou com a realização de um minidebate em inglês sobre preferências cotidianas, no qual os estudantes discutiram o que mais gostavam entre uma opção e outra. O que começou com hesitação transformou-se em entusiasmo, estudantes antes silenciosos arriscaram suas primeiras falas, dialogaram, perguntaram e expressaram opiniões. Ao final da aula, os rostos exibiam sorrisos discretos, mas sinceros, revelando a alegria de quem venceu o medo e descobriu ser capaz de se comunicar.

Participaram dessa experiência treze estudantes do ensino médio integrado, sendo doze deles na função de delegados, responsáveis por defender países e empresas, e um estudante que atuou como mediador. Essa etapa inicial abriu caminho para o comitê simulado, no qual os estudantes debateram, também em LI, sobre o tema “Regulação Ética e Política dos Sistemas de Inteligência Artificial” dentro da dinâmica inspirada no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC). A complexidade do tema exigiu não apenas domínio linguístico, mas também reflexão crítica acerca dos impactos sociais da tecnologia.

Durante o comitê, observamos não apenas os aspectos linguísticos, mas também a postura, a adequação do vocabulário, as estratégias de argumentação e o engajamento colaborativo dos participantes. Embora o professor estivesse presente, os estudantes recorreram poucas vezes à sua ajuda, pois contaram com o apoio mútuo dos mesmos no momento de construir o discurso. Nesse processo, os estudantes construíram conhecimento coletivo, fortaleceram sua autonomia e protagonismo e passaram a ocupar um lugar mais ativo e confiante na prática da LI.

Como observadores, percebemos que esse debate revelou a contribuição da simulação para além de uma atividade pontual, indicando a possibilidade de que os professores de línguas utilizem esse ambiente como estratégia pedagógica contínua para o desenvolvimento da oralidade. Esses espaços podem ampliar as oportunidades de prática oral, oferecer contextos significativos de uso da língua e estimular os estudantes a se posicionarem de forma crítica e colaborativa. Assim, pudemos observar que a experiência do comitê não apenas contribuiu para a confiança dos participantes, mas também pôde apontar caminhos para fortalecer o ensino de línguas no IFNMG, tornando-o mais autêntico, interativo e conectado às demandas contemporâneas.

Considerações finais

A análise realizada permitiu compreender que o ensino de LI na escola pública, historicamente marcado por limitações estruturais e metodológicas, pode ser ressignificado quando associado a práticas inovadoras que privilegiam a oralidade, a interação e a reflexão crítica. O IFMundo, ao articular metodologias ativas, Pedagogia de Projetos e princípios da Educação para a Cidadania Global, demonstrou que a simulação diplomática é capaz de inserir os estudantes em contextos de comunicação autêntica, nos quais eles assumem papéis de protagonismo e desenvolvem competências linguísticas e socioculturais.

As observações realizadas no comitê conduzido em LI evidenciaram avanços na confiança, na autonomia e no engajamento dos participantes, bem como na importância da colaboração entre pares para a construção de discursos. Ainda que desafios permaneçam, como o medo inicial de se expor em outra língua, a experiência mostrou que ambientes de debate podem favorecer aprendizagens significativas, estimulando os estudantes a se reconhecerem como usuários legítimos do idioma.

Conclui-se, portanto, que o IFMundo constitui uma prática pedagógica inovadora e transformadora, que contribui para a valorização da oralidade, para a formação crítica e para o fortalecimento da cidadania. Mais do que ensinar inglês, o projeto possibilita vivências que ampliam horizontes e promovem o reconhecimento dos estudantes como sujeitos ativos diante das problemáticas do mundo contemporâneo.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Linguística aplicada ao português do Brasil:** ação e conhecimento sobre a língua e ensino. Campinas: Pontes Editores, 2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language.** 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FURLANETTO, P. F. **O professor Global e o Ensino da Língua Inglesa:** uma visão a partir do pós-método. Curitiba: Intersaberes, 2019.

GIMENEZ, T.; EL KADRI, M. S.; CALVO, L. C. S.; SIQUEIRA, D. S. P.; PORFIRIO, L. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, n. 3, p. 617–646, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/MYDYbjDqBK4SNBvxg6DBfjS/?lang=pt> Acesso em: 28 ago. 2025

HASHIGUTI, S. T. Prática de oralidade em língua inglesa como língua estrangeira num curso de Letras a distância. In: HASHIGUTI, S. T.; BRITO, C. C. P.; RIBAS, F. C. (Orgs.) **Escuta crítica:** formação docente em Letras presencial e a distância. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 33-58.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação:** os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

MILL, D. **Reflexões sobre aprendizagem ativa e significativa na cultura digital**. Documento eletrônico. São Carlos: SEaD-UFSCar, 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, V. C.; MARTINS, R. C. R. A voz silenciada: percepções sobre a oralidade no ensino remoto de inglês. **Revista Linguagens e Educação**, v. 26, n. 48, p. 158–178, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/linguagenseeducacao/article/view/75394>. Acesso em: 29 ago. 2025.

SILVA, S. B. da; MARTINS, L. S. de O. A avaliação das habilidades orais. In: PINHO, J. R. D. de (org.). **A oralidade no ensino de línguas estrangeiras**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2022. p. 45-60.

UNESCO. **Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI**. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232993>. Acesso em: 29 ago. 2025.